

# FHC: 'Estamos assistindo à formação de um império'

J.F. Diório/AE-2/1/2003

*Em entrevista ao 'Estado', ex-presidente diz que a guerra não resolverá o problema do terrorismo*

REALI JÚNIOR  
Correspondente

**P**ARIS - Às vésperas da apresentação, pelos Estados Unidos, das "provas concretas" anunciadas contra o Iraque de Saddam Hussein, que poderão acelerar o processo de guerra (ler mais na pág. A18), o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso analisa a crise em entrevista ao *Estado*, convencido de que a guerra pode até resolver o problema Saddam, mas não a sensação de ameaça que prevalece hoje no mundo. Os países europeus, principalmente os do Leste, segundo o ex-chefe de Estado, continuam tendo medo do que possa acontecer no futuro: "Eles sentem a necessidade do guarda-chuva americano para protegê-los." Fernando Henrique assinala ainda que, de certa forma, a oposição da França e da Alemanha à guerra preserva um mundo ainda multipolar, mas estamos assistindo "a uma concentração de poderes e à formação de um império".

Quanto ao Brasil, o ex-presidente não vê nenhuma diferença entre a posição anterior de seu governo e a do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, apoiando o papel crescente da ONU e as declarações franco-alemãs. A seguir, trechos da entrevista:

**Estado - A guerra é uma solução?**

**Fernando Henrique Cardoso** - Depende do que se entende por solução. Certamente essa guerra é uma questão ligada à percepção dos EUA da ameaça e do risco de terrorismo em função do 11 de Setembro. A conexão entre a Al-Qaeda e o Iraque jamais pôde ser caracterizada, mas houve uma espécie de substituição por Saddam Hussein, um ditador que não deixa de ter culpa no cartório e que efetivamente produziu, no passa-

do, armas químicas e biológicas. Isso não quer dizer que essa guerra possa resolver o problema do terrorismo. Se o problema é esse, a guerra não resolve a questão. Os EUA podem resolver com a guerra o problema Saddam, mas não resolvem essa sensação de ameaça que existe hoje no mundo.

**Estado - A seu ver, Saddam é o objetivo de Bush, ou atrás disso estão importantes interesses americanos? Não estariam maquiadas as verdadeiras causas, como, por exemplo, o petróleo?**

**Fernando Henrique** - Não, a meu ver isso seria mais uma consequência, mas não creio que seja o motivo. Efetivamente, haverá maior controle quanto à oferta de petróleo, mas hoje as forças que se movem nos EUA e no resto do mundo não são motivadas pelo petróleo, mas pela questão da necessidade de impor uma certa ordem.

**Estado - No plano internacional, quais poderão ser as consequências mais graves?**

**Fernando Henrique** - Do ponto de vista econômico elas deverão ocorrer, mas resta saber o tempo de sua duração, se poderá du-

**EUA vão mostrar mais uma vez que têm vontade definida. Na Europa, a vontade é dividida**

**Sobre um ataque ao Iraque**

ar o crescimento da economia. Seria o caso de se perguntar: será que hoje em dia ainda motiva? Será que as expectativas serão positivas? São ainda numerosas as interrogações sobre as consequências da guerra no plano econômico. No político, elas serão mais nítidas. Vai-se demonstrar uma vez mais que os EUA têm vontade de-



*Fernando Henrique: 'Muitos países europeus têm medo do futuro'*

finida. Veja o que acontece com a Europa, onde a sensação é oposta e a vontade, dividida.

**Estado - Quando se imagina que o eixo franco-alemão iria prevalecer na Europa, assistimos à criação de um outro eixo, formado pela Grã-Bretanha, Espanha e Itália?**

**Fernando Henrique** - Isso é consequência novamente da insegurança, pois no fundo muitos países europeus, sobretudo os do Leste, continuam tendo medo do que possa acontecer no futuro. Eles sentem a necessidade da proteção do guarda-chuva americano. Não sentiram a mesma força

e segurança na aliança franco-alemã. Sentimentalmente, podem até estar mais de acordo com a tentativa europeia de evitar a guerra, o que é a posição de todas as pessoas com visão mais humanista do mundo, mas os que têm medo querem saber quem os protege. A sensação é que uma parte da Europa se sente mais protegi-

da pelos americanos do que pelo eixo franco-alemão.

**Estado - Isso não seria mais uma demonstração de que os europeus não possuem os meios de impor sua política?**

**Fernando Henrique** - Isso está ligado também a uma outra questão. A Europa hoje é, do ponto de vista da civilização ocidental, o máximo de bem-estar, de democracia. Seus povos querem segurança, mas isso já foi conquistado. A Europa passa quase imperceptivelmente e está ligada a tudo isso. Ela não pode se dar ao luxo de ter força militar porque isso vai contrabalançar, vai dificultar os recursos para o bem-estar. Essa não deixa de ser uma contradição complicada. Se quiser te um papel de ator político no mundo de hoje, num mundo em que a guerra continua no horizonte, embora de forma menos nítida do que no passado, ela teria que se armar. Dessa forma, a situação europeia é complexa. Como ela própria vê seu futuro? Com prosperidade crescente? Sem armar-se militarmente, ela terá sempre que se entender com os que possuem a força.

**Estado - Nesse contexto, como analisa a situação da América Latina e do Brasil? Quais as repercussões econômicas, dian-**

**te do impacto de uma guerra?**

**Fernando Henrique** - O Brasil tem uma posição tradicional que está sendo mantida pelo novo governo, isto é, todo o esforço para que tudo ocorra no interior das Nações Unidas para evitar uma guerra. Mas precisamos ser realistas, pois não temos controle da situação. Se a guerra for deflagrada, vamos sentir o lado negativo das consequências. Primeiro por causa do petróleo, cujo impacto será imediato. Segundo, sabe Deus o que vai acontecer em relação ao próprio dólar, ele vai se fortalecer ou não? Para nós, brasileiros, a guerra não é uma boa solução.

**Estado - O Brasil pode fazer alguma coisa ou está condenado ao silêncio do ponto de vista político? Ele deve ficar apoiando as decisões das Nações Unidas ou pode ir além na denúncia da guerra?**

**Fernando Henrique** - Terá de ficar apoiando as decisões no interior da ONU. Nós não somos atores nesse embate. Não creio que tenhamos qualquer oportunidade de sermos atores eficazes. Já que é assim, o melhor é tomarmos uma posição de princípio, mas sem arriscarmos perder o que não temos.

**Estado - Não divisa nenhuma possibilidade do Brasil ser levado a participar, mesmo simbolicamente, como foi o caso da Argentina na Guerra do Golfo?**

**Fernando Henrique** - Não creio que isso possa ter qualquer aceitação do ponto de vista da opinião pública brasileira. Não há nenhuma razão de Estado que possa justificar isso. Acho que devemos ficar numa posição de disponibilidade para, a qualquer momento, servir de ponte para o diálogo.

**Estado - Quando o senhor deixou o governo já havia uma posição brasileira sobre o Iraque. O governo do presidente Lula parece seguir na mesma direção ou há alguma diferença?**

**Fernando Henrique** - Não vejo nenhuma diferença. A política externa brasileira continua consistente no sentido de que nós queremos uma reorganização da ordem mundial. Queremos um papel crescente das Nações Unidas, somos contra a guerra em princípio e esse deve ser o último recurso. Li as declarações do presidente Lula de apoio às declarações francesas e alemãs. Acho que ele fez bem e, em princípio, é também o que eu acho. Guerra, só com o princípio de legitimidade e só as Nações Unidas podem

aprovar esse princípio.

**Estado - Diante dessa quase unilateralidade americana, após o fim do comunismo, da queda do Muro, etc., ainda existe espaço para um mundo multipolar?**

**Fernando Henrique** - O que estamos assistindo agora, e esse tem sido um papel importante da França e da Alemanha, foi que, apesar de tudo, eles assumiram uma posição. Dessa forma, a unipolaridade ainda não é definitiva. Mas, sem dúvida, e diferentemente do que imaginávamos, após a queda do Muro de Berlim, em vez de haver uma multipolaridade, estamos assistindo a uma concentração de poder e formação de um império. É claro que existem ainda questões complexas como: o que vai acontecer com a China? E com a Rússia? Se a opinião pública dos EUA perceber que essa posição de império possa ter um custo desnecessário, é possível que haja mais espaço para uma ação.

**Queremos um papel crescente das Nações Unidas. Somos, em princípio, contra guerra**  
Sobre a política do Brasil